

Figuras de Silêncio

Eugénio Lisboa

Universidade de Aveiro

Palavras-chave: Armando Martins Janeira, cultura portuguesa.

Keywords: Armando Martins Janeira, Portuguese culture.

Passam este ano duas décadas sobre o falecimento, em Lisboa, do Embaixador Armando Martins, que era também o escritor Armando Martins Janeira. Assinalando esta data – o mesmo é dizer que se assinala a data de uma perda –, a Câmara Municipal de Cascais patrocinou uma bela e rica exposição com algum do vasto espólio do diplomata/escritor, incluindo várias espécies preciosas da sua colecção de obras e artefactos japoneses.

Armando Martins – com ou sem Janeira – era um personagem inesquecível. Foi o primeiro Embaixador com quem trabalhei em Londres, posto em que me mantive pelo período recorde de dezassete anos. Armando Martins recortava um singular perfil de diplomata: tolerante, aberto, nem rígido nem amaneirado, antes informal, cortês q.b., suavemente incentivador, totalmente despido de pompa e de autoritarismo, detestando figadalmente a «pageantry» da corte de St. James, profundamente empenhado no bem-estar das comunidades portuguesas emigradas e com elas mantendo um convívio amistoso, frequente e fluente (raridade assinalável entre diplomatas), simultaneamente cândido e astuto (como o Padre Brown da saga policial de Chesterton), dotado de uma inesgotável curiosidade cultural, andava, como eu, por livrarias e alfarrabistas, onde, ocasionalmente, deparava com curiosidades e preciosidades ao preço da uva (um exemplo: a edição de Ferrara de Bernardim, que arrematou pelo preço incrível de uma libra!)

Como diplomata, estive em postos por esse mundo fora: Liverpool, Sydney, Tóquio, Roma, Londres (nestas duas últimas cidades, já como Embaixador).

Quando se fala no homem que nos deixou livros fundamentais como *O Impacte Português sobre a Civilização Japonesa*, *Figuras de Silêncio*, *Japanese and Western Literature – A Comparative Study*, *O Jardim do Encanto Perdido – Aventura Maravilhosa de Wenceslau de Moraes no Japão* (traduzido em japonês) ou *Caminhos da Terra Florida (a vida, a paisagem, a cultura japonesa)*, pensa-se, quase sempre, em termos de se confinar Armando Martins entre as baías de uma exclusiva dedicação ao estudo das coisas nipónicas. Nada mais longe da verdade. Um provérbio japonês que Wenceslau de Moraes coligiu e traduziu e Janeira incluiu na antologia que dedicou ao autor de *Dai – Nippon*, diz o seguinte: «Uma rã dentro de um poço não conhece o mar largo». O autor de *O Jardim do Encanto Perdido* recusou-se sempre a ser «uma rã dentro de um poço». O Japão – onde esteve por duas vezes, como diplomata, num total de nove anos – alimentou-lhe profundamente a curiosidade, levando-o, na esteira dos grandes precursores: Jorge Álvares, João Rodrigues, Luís Fróis ou Wenceslau, a estudar-lhe, com dedicação e inteligência, a história e a cultura. Devotou-lhe atenção, estudo e escrita mas de modo nenhum a isso resumiu nem as suas apetências nem a sua actividade estudiosa e criativa. Espírito universalista e aberto portanto ao «mar largo», Armando Martins – e a sua bibliografia documenta-o com eloquência – debruçou-se também sobre a China, o teatro português (e Gil Vicente em particular), o teatro moderno (e o teatro *tout-court*), a literatura europeia, Camões... Isto mesmo sublinha ele, com eloquentes palavras suas, no extenso e importante prefácio, de mais de cem páginas, de que fez anteceder a substancial antologia dedicada a Moraes, inserida na saudosa série das «Antologias Universais», que a Portugália editou e a que João Gaspar Simões deu vida: «Toda a minha experiência do Japão», nota Armando Martins, « – ínfima comparada com a dele [Moraes] – me conduz a confirmar-me cada vez mais na minha cultura ocidental, na minha qualidade de europeu. Bem no fundo, que sou eu? Um transmontano livre e pobre que traz no sangue a voz do mar, nos olhos essa luz incomparável das montanhas e a ambição e altivez das Descobertas, e na cabeça o amor límpido da razão e as últimas ansiedades deste fim de século interespaçial». E acrescenta, quase com indícios de provocação: «Mesmo que esteja decadente, a civilização ocidental é ainda a maior das civilizações vivas, aquela que mantém um mais alto acervo de valores, a única que encerra o germen do progresso histórico». Fiz questão de transcrever esta passagem (quase longa...) para contrariar a tendência generalizada entre os nossos críticos e público em geral, para colar à figura dos estudiosos um emblema redutor: especialista do Japão, especialista de Camões, especialista de Pessoa, especialista de Régio...mesmo quando quatro quintos da obra de alguns desses «especialistas» saia muito para fora das coutadas em que os querem aprisionar... Sabendo tudo isto, o autor de *Peregrino*, no referido prefácio, leva ainda mais longe, mesmo que em toada de amável ironia, a provocação a que acima aludimos: «Moraes», diz Martins, «retirou-se para a província para aí aprofundar o seu amor ao velho Japão. Eu, superficial e ecuménico como o tempo em que vivo, prefiro Tóquio, porque aqui posso viver uma experiência única

no Mundo: gozar as mais belas formas das mais antigas artes e tradições da terra e viver ao mais moderno nível do meu tempo, as mais actuais formas da arte, os mais actuais problemas, as últimas vivências deste século electrónico».

Como diplomata – e não só – Armando Martins viajou muito e conheceu lugares e gentes das mais variadas espécies. Mas não foi apenas a *viagem*, isto é, a mudança de lugar para lugar, que lhe trouxe enriquecimento interior. Viajar não é nunca suficiente para uma pessoa se cultivar. Tudo afinal depende de *como* se viaja, isto é, do bom uso que se dê ao viajar. Isto é, tudo depende *do que já trazemos dentro de nós*. O filósofo americano Thoreau fazia notar que não vale a pena dar a volta ao mundo só para se contar o número de gatos que existiam no Zanzibar. Era isto mesmo, embora por palavras diferentes, que o diplomata português queria significar quando, no referido prefácio à antologia de Moraes, notava: «Tudo o que é raro e belo em profundidade se esconde dos olhares superficiais e breves do curioso. É aprofundando cada coisa que se conhece o que é profundo na vida». Foi, pois, com olhos, nem superficiais, nem breves, que Armando Martins viajou e mergulhou nas grandes culturas orientais e ocidentais, patentes em Paris como em Tóquio, em Roma ou em Londres. Montherlant, numa passagem de um cómico molieresco, de um dos seus celebrados livros, fala das pessoas que visitam as salas do Louvre, «em passo americano». Janeira terá visitado os grandes museus do mundo e as grandes culturas do mundo, em passo demorado de transmontano pobre e arrastadamente curioso.

No seu livro *Figuras de Silêncio* e no capítulo que dá o título ao livro, Armando Martins presta uma comovida homenagem aos seus antepassados que estenderam pontes entre Portugal e o Japão, nestes termos: «As obras deixadas por portugueses que mantêm ainda validade e interesse para a cultura japonesa têm sido devotadamente estudadas e as figuras portuguesas, que em Portugal continuam esquecidas, são vivamente evocadas e publicamente consagradas no Japão. Essas figuras que pela primeira vez na história verdadeiramente contribuíram para lançar uma ponte de intelectual compreensão entre o Ocidente e o Oriente, agora erguidas em bronze nas cidades japonesas com um passado comum com Portugal, impressionam pelo seu trágico silêncio. Figuras de silêncio», conclui o autor de *Esta Dor de Ser Homem*, «porque se tornaram mudas e esquecidas para os homens do seu país; foram levantadas do pó do olvido pelo esforço de estrangeiros de boa vontade». Iniciativas como a que agora patrocinou a Câmara de Cascais (onde Janeira viveu e trabalhou incansavelmente) talvez possam dar algum contributo sério para que este «peregrino» se não torne também uma trágica figura de silêncio: acarinhada lá fora e esquecida cá dentro.

Resumo: homenagem do autor ao escritor português Armando Martins Janeira.

Abstract: A tribute from the author to the Portuguese writer Armando Martins Janeira.